

Não pode deixar de ser assinalado o magnífico trabalho que Mário Garófalo e sua esposa vêm desenvolvendo, há alguns anos, em Brasília, para proporcionar aos seus habitantes momentos inolvidáveis de boa música, especialmente agora que a sua rádio comemora o centenário de Carlos Gomes, a maior glória musical do Brasil.

Realmente, a força imaterial da música, dos sons que nos encantam, desde a nossa mais tenra idade, quando nossas mães nos ninavam com seus cantos ingênuos e doces, que nos faziam adormecer, vivemos sob a impressão da harmonia dessa arte incomparável. E esses sons, às vezes nostálgicos, às vezes alegres, mas sempre maviosos, são qualquer coisa que transcende o mundo físico em que vivemos, fazem da música a mais sublime das artes. Por eles evocamos muitos momentos, alegres ou tristes, do nosso passado, encantando-nos e tocando nossos corações, chegando mesmo, muitas vezes, a provocar lágrimas de emoção.

A música é indefinível, na sua espiritualidade sensorial, na graça de seus tons, nas cambiantes das cores de suas notas, que exprimem o que de mais nobre pode sentir o ser humano em sua existência terrestre. Ela representa um elo com um mundo transcendental, que extrapola os nossos limites temporais, que ultrapassa as nossas percepções terrenas. Através dela, abrem-se horizontes imensuráveis, mundos indefiníveis, que sentimos, mas não podemos alcançar em sua substância. Apenas entrevemos alguma



coisa muito mais alta do que a nossa percepção, que eleva a alma e nos leva para além do nosso viver cotidiano, transportando-nos para planos apenas vislumbados.

Os criadores geniais da harmonia sonora e de sentimentos extraordinários que a música provoca, os geniais compositores de todas as épocas, os Beethoven, os Wagner, os Liszt, os Bach, os Mozart, para só citar algumas culminâncias da criação musical, nos fazem alçar vãos indecifráveis, através dos sentidos e do pensamento, levando-nos

para regiões abissais, que são o próprio mistério da vida e que, pelos sons, apenas tocamos.

Desde a infância, como disse, fomos marcados pela magia musical, com as canções com que nossas mães nos embalavam e nos enfeitiçavam, envolvendo-nos com a força dominadora da música. As notas que partiam do plano de minhas irmãs, na infância, ainda hoje ressoam na emoção de minha saudade, mas maior influência musical que recebi adveio da paixão que meu pai tinha pela boa música clássica e pelas belas óperas

tão em voga em sua época.

Recordo-me que, ainda menino, em Belém, entre os anos de 1914 e 1922, meus pais punham o gramofone e ouviam, maravilhados, os discos de Enrico Caruso, o mais completo dos cantores italianos, do que de melhor pôde dar a Itália, ao mundo em voz humana. Ambos levavam os filhos ao Teatro Lírico, no Rio de Janeiro, quando tivemos o privilégio de ouvir os melhores cantores da primeira metade do Século XX: Tita Ruffo, Tito Schipa e Beniamino Gigli.

Certa vez, na sala de espetáculos do velho teatro da época imperial, hoje desaparecido, tive a oportunidade de assistir a um espetáculo impressionante, quando verdadeiro frenesi se apossou de uma das platéias mais cultas e de alta sensibilidade musical, como era a carioca da época. Parecia que o Teatro Lírico havia sido dominado por uma força uníssona e penetrante, que evoluía no ar, com os aplausos estridentes, ensurdecedores, entusiásticos, de um público fascinado pela voz imortal de Tita Ruffo, que estava, segundo o consenso geral, em um de seus melhores dias, accedendo a tudo que o público pedia.

Nunca mais pude esquecer-me daquele momento, daquele espetáculo vulgar. Foi uma noite sensacional, imorredoura, e não pude, depois, conciliar o sono, ainda sob os efeitos envolventes e sedutores da música, de que aquele famoso cantor italiano era um agente maravilhoso, levando-nos, durante algum tempo, para regiões ignotas e sublimes, como cegos que percebem a luz!